

## QUANDO O GIGANTE ACORDA, VAI PRA RUA E SAI DO FACEBOOK: FRASES EM MOVIMENTO

LAFAYETTE BATISTA MELO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

**RESUMO:** *Este trabalho trata de enunciados propagados em redes sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil, que fazem referência às próprias manifestações, como “O gigante acordou”, “Vem pra rua” e “Sai do Facebook”. São problematizadas condições de produção destas frases, especialmente restrições e alcances através da interface e são coletadas as que aparecem em sites de notícia e em redes sociais, por meio de estratégias de uso de ferramentas de busca. A abordagem teórico-metodológica emprega conceitos de interdiscursividade e aforizações – enunciados com caráter relativamente autônomo e sem fonte aparente. Pôde-se notar que são silenciados discursos que motivam vários movimentos e que se faz remissão a discursos de uma geração com práticas culturais e tecnológicas mais recentes. Há o apagamento do sujeito porta-voz do discurso, o que sugere uma mudança histórica, contraditoriamente proporcionada pelo acesso à tecnologia e ao sentimento de colaboração que une aqueles engajados nas redes sociais.*

**Palavras-chave:** *frases, aforizações, ferramentas de busca, interface.*

**ABSTRACT:** *This work deals with enunciations on social networks during manifestations in June, 2013, in Brazil, which refer to the manifestations themselves, such as “O gigante acordou”, “Vem pra rua” e “Sai do Facebook”. Conditions of production of these sentences, especially restrictions and reaches across the interface, are putted in doubt. Sentences that appear in news sites and social networks are collected, through strategies of using search engines. The theoretical-methodological approach employs the concepts interdiscursivity and aphorization – autonomous enunciations with no apparent source. It is noted that discourses that motivate various movements are silenced and discourses of a generation with more recent cultural and technological practices appear. A spokesperson subject of the discourse disappears, suggesting a historical change, paradoxically afforded by access to technology and the sense of collaboration that unites those engaged in social networks.*

**Key-words:** *phrases, aforizations, search engines, interface.*

### 1. ASPECTOS INICIAIS

Durante junho de 2013, o Brasil foi tomado por uma série de manifestações, inicialmente decorrentes de reivindicações sobre preços das passagens de ônibus na cidade de São Paulo, mas que tomaram uma dimensão maior, espalhando-se por vários locais do país e com uma pauta de reivindicações bem mais extensa. Tais manifestações foram acompanhadas por um conjunto amplo de mensagens em cartazes, muitas das quais saíam do Facebook para as ruas, bem como retornavam para a rede social no formato de postagens e em fotos comentadas, curtidas e

compartilhadas (Felliti 2013). Pode-se notar que, do mesmo modo que a pauta de reivindicações era imensa, as mensagens, que circulavam do Facebook para as ruas das cidades e vice-versa, cresciam em número e variavam bastante.

Alguns estudos foram realizados, na tentativa de compreender o momento, e muitas opiniões foram divulgadas na mídia por autoridades e especialistas de várias áreas. Conforme Mesquita (2013), o cientista da computação Sílvio Meira diz que uma razão para este acontecimento ter se tornado “viral” é o fato de as pessoas, em um determinado momento, não seguirem mais pessoas, mas seguirem simplesmente *hashtags* (#protestoBR, #ogiganteacordou etc.). Ricardo Cavallini, citado em Mesquita (2013), especialista em comunicação interativa, afirma: “Tentar entender as manifestações pelos cartazes é o mesmo que tentar descobrir o sabor de um alimento pela tabela nutricional”. O consultor Augusto de Franco (Franco, 2013) enfatiza que fatos como esse ocorrem porque, antes, as redes tinham uma dinâmica mais adesiva e participativa, mas, hoje, as relações são mais interativas: “Antigamente havia o assembleísmo, com organizações hierárquicas e militantes obedientes, mas, agora, precisamos entender que existe um interativismo interagente, no qual cada pessoa comparece nos seus próprios termos, compondo uma espécie de sistema nervoso fractal de imensas multidões”.

Longe de me opor a opiniões de especialistas e do que foi divulgado na mídia, observei que as análises careciam de uma maior exploração pela perspectiva da linguagem, especialmente do discurso. Desse modo, parti do pressuposto não que pessoas seguem termos como *hashtags*, mas que procuram se vincular a discursos que conseguem circular. Também não parto da ideia de que manifestações não podem ser compreendidas pelos cartazes nem pelas postagens que surgiram durante as manifestações, mas que a sua devida compreensão precisa associar o que é dito e escrito ao momento histórico e às condições de produção discursivas (não parece ser adequada a analogia com a gastronomia). Além disso, considero que, para além do fato de as relações hierárquicas estarem cedendo lugar a interações em rede, há discursos aos quais as pessoas se associam para marcar sua posição social e histórica, estejam submetidas a uma hierarquia ou acreditando que são donas dos seus próprios atos e dizeres.

Algo comum a todas as análises é mostrar que as mensagens e reivindicações não estabeleceram um foco como o de outros momentos históricos, por exemplo, pedindo a saída de um político do governo (como no “Fora Collor!”) ou reivindicando eleições com participação da população (no caso do “Diretas já!”). Assim, esta pesquisa terá como objetivo compreender como circularam mensagens que se referiam às próprias manifestações, exaltando o momento de “conscientização” no qual o país estava como causa dos eventos, conclamando mais pessoas a participarem do acontecimento ou mostrando como proceder nas várias situações ocorridas nas ruas. Sobressaíram-se, de acordo com reportagem da UOL (2013), entre os dez termos mais citados do ano no Facebook, a palavra “manifestações” e a mensagem “vem pra rua”. Trato esta mensagem, então, como ponto de partida para verificar como circulam outras mensagens e constato um direcionamento claro para defesas do movimento com enunciados que circularam com certa autonomia e, ao mesmo tempo, descrevendo e sendo constituídos por expressões de movimento nas e para as manifestações.

Procurarei responder às seguintes perguntas de pesquisa: 1) como definir uma metodologia adequada para obtenção de dados tão distribuídos? 2) em que a análise pode contribuir para maior compreensão do funcionamento da linguagem expressa em cartazes e postagens sobre as manifestações? e 3) pode-se entender melhor o momento histórico de manifestações, dentro do tipo de democracia que temos, por meio da interpretação do funcionamento dos discursos?

A seguir, na seção 2, abordo alguns fundamentos para o estudo, especialmente no que diz respeito à interdiscursividade e às teorias sobre aforização. Na seção 3, trato das possibilidades de busca de dados na internet e do modo como as adaptei a estratégias específicas da pesquisa, complementando a fundamentação metodológica. Na seção 3, propriamente da análise, interpreto os dados obtidos conforme os objetivos e fundamentos do trabalho. Na parte 4, considero as possibilidades de discursividade no Facebook e de como este ambiente influencia nas condições de produção com consequências para a autoria e para a figura de porta-voz do discurso. Finalmente, na parte 5, faço algumas considerações finais, respondendo às perguntas de pesquisa anteriormente formuladas e considerando as relações entre discurso e momento histórico de participação popular mediada pelas novas tecnologias.

## **2. INTERDISCURSO, REMISSÃO A OUTROS ENUNCIADOS E FRASES SEM TEXTO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

A terceira fase dos estudos de Análise do Discurso de Pêcheux (2009) é caracterizada pela interdiscursividade. Esta noção pode ser entendida como uma memória discursiva, ou seja, um conjunto de já-ditos que sustenta todo o dizer. Os sujeitos estão ligados a um saber discursivo que não pode ser apreendido, mas que deixa transparecer seus efeitos por meio do inconsciente e das ideologias que envolvem os sujeitos. Assim, o discurso está ligado a um complexo de formações ideológicas: alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente. O intradiscurso é o fio do discurso do sujeito falante, ou seja, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma interioridade. É por meio do intradiscurso que se faz remissão a outros discursos.

Pretendo tratar as frases das manifestações coletadas nessa pesquisa através das relações da interdiscursividade com a intradiscursividade, ou seja, sentenças como “Vem pra rua” ou “O gigante acordou” bem como “Sai do Facebook”, e, em decorrência, todas as demais, estão dentro de um “dito” ou “dizível” permitido e ao mesmo tempo aberto a várias remissões, relacionadas a já ditos, a uma memória. Tal funcionamento é interpretado conforme se associa as frases em cartazes nas ruas e em postagens no Facebook com outros enunciados e seus termos substituídos, parafraseados ou sinônimos. Além disso, “Sai do Facebook”, por exemplo, não é apenas uma sequência léxico-sintática, mas um enunciado inscrito na história e é assim que deve ser analisado.

Há de se notar que as frases obtidas no estudo fazem parte de um momento histórico, que não pode ser entendido simplesmente como um fato do passado, mas como um momento único que reflete alguma ruptura. Em outras palavras, é um acontecimento que, para Pêcheux (2008), é dependente de uma relação espaço-temporal e de produção de sentido no interior do discurso. Para exemplificar isso, o autor mostrou como um certo enunciado faz remissões ao seu exterior. Ao tratar da expressão “Ganhamos” em virtude da eleição de François Mediterrand, Pêcheux a remete ao mundo dos esportes, fazendo uma interpretação político-esportiva. Ele afirma que suas interpretações (relacionando “ganhar” a jogos e ao acompanhamento de práticas comuns como festas, músicas e passeatas), embora evoquem os esportes, não funcionam como proposições estabilizadas. O enunciado “Ganhamos” se faria em torno também de não se interrogar sobre a referência do sujeito do verbo “ganhar” nem sobre seus complementos elididos (o que foi ganho, como e por que se ganhou). Pêcheux (2008) considera que apenas a partir de uma materialidade discursiva pode-se atribuir sentido a esse enunciado. “Ganhamos” surgiu em um momento da história no qual a sociedade do espetáculo se instaurara e a pessoa que era evocada no discurso chamava uma determinada esquerda, mas também um público mais amplo para um novo momento, através de todas as mídias. As frases das manifestações de 2013 voltadas para as próprias manifestações também têm um chamamento, mas supostamente um alerta (“O gigante acordou”) e uma descrição de como as pessoas estão procedendo naquele instante (“Sai do Facebook”).

Ainda no sentido de explorar as frases, mas procurando delinear melhor o quanto elas podem ser destacadas tanto em um momento histórico quanto em suportes específicos, observei em Maingueneau (2010), quando trata de aforização (enunciados sem texto), algumas pistas e problemas relevantes. Para este autor, há um problema para estudar “enunciados destacados”, que muitas vezes suscitam o sentimento de que são enunciados autônomos, mas outras vezes estão inseridos em textos que derivam de gêneros do discurso. Isso seria colocado em particular para slogans, máximas, manchetes de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres etc. Haveria um destacamento constitutivo (no caso dos provérbios), que por natureza não possuem contexto situacional nem cotexto original, e um destacamento por extração de um fragmento de texto dentro de uma lógica de citação. Para aprofundar ainda mais a questão, o autor trata do fenômeno da “sobreesseveração”, que ocorreria com uma tensão em relação à textualização, abrindo espaço para uma destextualização. Tal fenômeno pode ser compreendido como uma modulação da enunciação que formata um fragmento candidato a uma destextualização; não está na lógica de uma citação, mas de operações de destaque de certos trechos por meios tipográficos, sintáticos, prosódicos, lexicais (com conectivos) etc. Em relação ao fenômeno da “aforização”, o enunciado pretende exprimir o pensamento do seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem (resposta, argumentação, narração, proposição etc.); seria uma forma de dizer puro, quase uma consciência. Assim, na aforização, o locutor vai para o lado de cá ou de lá, da diversidade infinita das interações imediatas, dos gêneros e dos textos. O “aforizador” assume o ethos do locutor que está no alto, com uma fonte transcendente.

Maingueneau (2011) esclarece melhor que aforização não deve ser confundida com sobreasseveração. Sobreasseverações são operações de realçamento, põem em evidência uma sequência sobre um fundo textual. Porém, muitas frases não precisam ser sobreasseveradas para serem destacadas. Nas aforizações, confere-se um estatuto pragmático específico a um enunciado desprovido de contexto.

Coloca-se, então, uma tarefa para esta pesquisa: se as frases das manifestações de junho de 2013 tendem claramente a ser aforizadas, desprovidas de contexto e autônomas, como compreendê-las não em um contexto situacional, mas em um momento histórico rico no uso de tecnologias e de interações mediadas por redes sociais como o Facebook? É esta uma questão que proponho, interligando o que foi aqui fundamentado. Além disso, os dados a serem obtidos estão simultaneamente nas ruas e no Facebook. Maingueneau (2008) alerta para o trabalho que o pesquisador deve ter nesse sentido, adequando sua unidade de análise a seus objetivos. Assim, o autor propõe que os dados sejam analisados a partir do conceito de “percurso”, no qual os dados circulam intensamente e, ao mesmo tempo, podem ter suas buscas otimizadas a partir de ferramentas computacionais específicas, o que parece ser uma escolha adequada para este trabalho. Outro fato peculiar é que o percurso é expresso em diversas ordens lexicais ou textuais sem fronteiras pré-formatadas (no caso desta pesquisa, há frases de diversas ordens, acompanhando ou não outras frases e imagens, sem obedecerem a limites entre a rua e o Facebook). Esta questão é basilar para a investigação e merece uma discussão maior sobre a preparação dos dados através da constituição do *corpus* realizada por meio atividade interpretativa do analista.

### 3. COMO FORAM COLETADOS OS DADOS

Para coleta dos dados e constituição do *corpus*, utilizei como ferramentas principais o Google Search (o programa de buscas gerais do Google) e estratégias de busca no Facebook, incluindo a ferramenta Graph Search (o aplicativo nativo do Facebook para encontrar pessoas, lugares e coisas). As principais referências para a atividade de buscas estão em Melo (2010) e Google (2014), mas a descrição a frente se atém aos métodos e estratégias aqui aplicados.

Em um primeiro momento, verifiquei quais seriam as frases que estariam de acordo com os intuítos da pesquisa em noticiários, blogs, revistas e artigos de opinião espalhados pela web. Neste instante, considerei que o fato de haver uma série de frases nas redes sociais e em cartazes mostrados nas ruas já era em si um acontecimento – uma de suas características é que são eventos não só lembrados, mas comentados como foram lembrados. Porém, eu não poderia simplesmente elencar cada frase comentada. Muitos textos falavam das mais citadas, das mais criativas etc., mas, para me ater ao objetivo desta pesquisa, precisei verificar se cada uma das frases nas listas tinha conteúdo com alguma referência às próprias manifestações. Assim, excluí aquelas frases que eram voltadas para assuntos específicos (PEC 237, casamento gay, Marco Feliciano, Copa do Mundo, corrupção, situação dos hospitais, orçamento para a educação, etc.). Fiz, então, uma filtragem manual, interpretando os enunciados restantes e suas posições quanto às manifestações.

Vale salientar que mesmo um enunciado como “Não é apenas por 20 centavos” não está simplesmente se referindo ao aumento das passagens de ônibus, mas às motivações para as manifestações que vão além dos problemas com transporte, embora não sejam explicitadas. Em outras palavras, foi requerido um esforço de interpretação de cada enunciado para verificar suas associações, direta ou indiretamente, com os manifestos em si. Um enunciado como “Menos estádios, mais hospitais”, por outro lado, não tem uma referência de qualquer tipo aos movimentos, é uma reivindicação pontual para melhorias relacionadas à saúde que não ocorreriam em detrimento das preparações para a copa do mundo. Por outro lado, enunciados como “Odeio bala de borracha, joga um halls”, aparentemente referência a um pedido específico, representa um modo de se comportar nas manifestações e, ao mesmo tempo, denuncia a repressão policial ocorrida nas ruas. Enfim, o trabalho do analista de discurso nesta pesquisa tem um ponto de partida crucial para a constituição do *corpus*, na busca inicial dos dados com as ferramentas de busca, mas é imprescindível o trabalho de interpretação da sequência léxico-sintática nos moldes de Pêcheux, como mencionado na seção anterior. Considero ainda que, da forma como as frases foram difundidas, mesmo portadas por sujeitos com perfis no Facebook e cartazes nas ruas, ela adquirem um aspecto autônomo, sem relações necessariamente diretas com textos anteriores ou posteriores. Portanto, do mesmo modo que podem circular nas interfaces das redes sociais ou aparecem nas ruas, as frases mostram palavras de ordem ou slogans direcionados a um auditório universal, ou seja, também para aqueles que estão nas redes, mas não envolvidos com participação nos eventos, e para aqueles que veem os movimentos diretamente nas ruas ou através da mídia impressa e televisiva.

De todas as frases reunidas nas pesquisas iniciais da web e passadas pelo crivo interpretativo, três mereceram destaque: “vem pra rua”, “o gigante acordou” e “sai do facebook”. Tais enunciados poderiam não estar no topo de todas as listas, mas resolvi destacá-los porque, além de estarem em todas as listas sempre nas principais posições e por razões diferentes (dos mais mencionados aos que mais acompanhavam outros enunciados), atendem aos objetivos do trabalho. Outro fato pertinente é que essas frases representam três movimentos: o de chamar para participação, o de levante ou conscientização sem determinar um fato gerador específico e o da movimentação propriamente dita para ou nas ruas. Este fato serviu de base para avaliar as demais frases, como veremos na seção seguinte. De todo modo, para examinar a ocorrência das frases conforme o período, utilizei a ferramenta Google Trends (<http://www.google.com/trends>) que, além de associar as tendências a termos procurados na web e apresentados em notícias, permite definir o intervalo de busca e representá-lo graficamente (figura 1).



**Figura 1:** Gráfico de tendência dos enunciados

Podemos notar que há um pico ao final de junho para todos os três enunciados, mas em níveis diferentes. A expressão “Vem pra rua” teve uma maior incidência e sua ascendência pode estar associada a uma propaganda de carros veiculada algumas semanas antes. Também se pode considerar que “O gigante acordou” foi veiculada em uma propaganda fortemente disseminada nos meios de comunicação, mas não com a antecedência e a frequência de “Vem pra rua”. No caso de “Sai do Facebook”, apesar de estar em um nível mais baixo, há um pico e uma relativa estabilidade antes e depois de junho. Esses fatores nos ajudam a confirmar os dados da pesquisa inicial no Google em notícias da web, mas também nos serão úteis para entender a circulação e o desenvolvimento das expressões um pouco antes e logo depois do período estipulado. Definir um intervalo um pouco maior do que o mês de junho para as pesquisas possibilita compreender a ascensão e a estabilidade dos enunciados e acurar a análise, fazendo possíveis associações com outros eventos ou acontecimentos como será feito na seção 4.

Assim, no sentido de cruzar os dados obtidos com enunciados efetivamente propagados nas redes sociais, procedi, em seguida, a um exame deste primeiro levantamento que fora filtrado, identificando se suas respectivas frases também eram mostradas no Facebook no formato de postagens ou com fotos das ruas vinculadas a postagens. Slogans como “Sem partido!”, proferidos nas ruas para intimidar aqueles que estavam levando bandeiras com algum símbolo partidário, eram próprios das ruas e não das redes, embora houvesse algumas referências, em postagens de imagens com letras coloridas e garrafas, como em “MOVIMENTO TEM CAUSA, NÃO TEM PARTIDO”. Nesse instante, pude verificar que mesmo depois de filtradas, as frases iniciais coletadas – que representavam um acontecimento expresso em noticiários, blogs, revistas e artigos de opinião – tinham uma tendência muito grande de estarem tanto nas ruas quanto em postagens no Facebook. As buscas no Facebook comprovaram essa propensão. Na caixa de pesquisa do ambiente, fiz buscas simples com as sequências das frases (digitando simplesmente “vem pra rua”, por exemplo), com

hashtags (#vemprarua) e a partir da ferramenta Graph Search. Esta ferramenta permite encontrar de forma mais apurada “pessoas, lugares e coisas” através de comandos específicos. Porém, para um aproveitamento melhor do Graph Search, deve-se utilizar o Facebook no idioma inglês dos Estados Unidos (isso é feito facilmente a partir de configurações gerais da conta onde há um campo para modificação da língua). Com a conta devidamente configurada, utilizei o comando “Posts about vem pra rua” e encontrei uma série de referências a essas postagens, seja no Google ou na web como um todo, já que o Graph Search também é integrado ao Bing – ferramenta da Microsoft de buscas gerais na web. É importante salientar que resultados obtidos das três formas no Facebook podem conter algumas sugestões adicionais a serem aproveitadas, como mostrado através de pesquisa no Graph Search, na seção “Related Searches For” (figura 2).



Figura 2: Pesquisa no Graph Search

Todos os termos obtidos na primeira pesquisa em sites de artigos, blogs e opinião foram submetidos às três estratégias de averiguação no Facebook. Desse modo, gerei as tabelas da seção adiante.

Em resumo, pode-se dizer que a metodologia de constituição do *corpus* foi realizada de acordo com as seguintes etapas:

- 1 – Pesquisa de slogans e frases curtas das manifestações através do Google Search em sites de notícia, blogs e artigos de opinião (considerando os enunciados não só que circularam nos momentos e nas redes sociais, mas o comentário sobre os mesmos, caracterizando um acontecimento relevante);
- 2 – Verificação de tendências com o Google Trends;
- 3 – Avaliação das frases para filtragem das que faziam referência aos próprios movimentos de junho de 2013;

- 4 – Pesquisa das frases filtradas para comprovar e fazer nova seleção das que, além de aparecerem nas passeatas, também circularam em redes sociais, por meio de três estratégias de busca no Facebook;
- 5 – Análise das frases, suas caracterizações, peculiaridades e o modo como estavam associadas às manifestações.  
Pela extensão da fase 5 e pelo fato de já ser também uma atividade à parte da metodologia, esta etapa será abordada na próxima seção.

#### 4. ANÁLISE: AS REMISSÕES NAS MANIFESTAÇÕES, O PÚBLICO E SEUS MOVIMENTOS DISCURSIVOS

Como mencionado na seção 3, as frases “O gigante acordou”, “Vem pra rua” e “Sai do Facebook”, além de apresentarem grande frequência, estavam em todas as listas. Outro fato a se considerar é que esses enunciados têm uma continuidade em sentidos distintos (acordar, ir, sair). “O gigante acordou” pode ser associado ao levante, ao despertar da população para um momento de ação que culmine em aparecer mais para mostrar indignação. “Vem pra rua” é conchamar para outros participarem deste momento no qual o país mostra que está acordado. “Sai do Facebook” mostra que as pessoas já estão nas ruas ou se direcionando para os movimentos, deixando de lado a vida mais passiva diante do computador. Considerarei, então, que há para esses enunciados acentuadas características em referência a (D)espertar para o momento, (C)hamar para participação e (M)ostrar o modo como se está participando ou vai participar, ou seja, há uma contiguidade de movimentos. Nas tabelas adiante, há uma análise bastante resumida das frases resultantes para o estudo na fase 5 da metodologia, considerando essas características, como se referencia um discurso anterior (a um já dito) e a maneira como os enunciados se mostram autônomos, atingindo auditórios universais e particulares. Os três enunciados principais funcionam como parâmetro para os demais.

##### “Vem pra rua”

Acompanhava bastante outras frases. Exemplo: “Vem pra rua, pra que o mundo veja o dia em que o Brasil ganhou voz”. Remete a outros eventos no formato de passeatas e manifestações, mas também a uma propaganda da Fiat, divulgada poucas semanas antes. É claro o chamamento para um público deste tempo e do país no sentido de que haja maior participação popular. É curioso notar que, nas manifestações, as pessoas constituíam o próprio “espetáculo” participativo, e, na propaganda da Fiat, havia o chamamento com alusão a elementos da copa do mundo e união em torno deste momento. O significado de ir às ruas não para ver um campeonato e nem só para assistir um espetáculo, mas constituiu-lo, prevaleceu. (C)

“Sai do Facebook”

Mostra a maneira resoluta com a qual alguém vai para os manifestos, aparentemente deixando outra atividade de lado. Remete a discursos nos quais as pessoas mostram que abandonaram a passividade. Porém, é importante notar que o auditório ao qual é direcionada a mensagem faz parte de um tempo no qual há pessoas muito envolvidas com a tecnologia, despendendo muito do seu tempo em rede sociais. Isso não quer dizer que se vai deixar de usar o Facebook, mas que, especialmente nesse momento histórico, as pessoas deixaram de ser “ativistas de sofá”. A saída do Facebook (no sentido de deixar de usar) não pode ser algo definitivo porque a rede faz parte dos manifestos e os divulga com os vários cartazes. Pode-se dizer que saiu do Facebook, usando um smartphone em meio aos manifestos e postando uma foto junto com uma mensagem, mas a publicando na própria rede social. (M)

“O gigante acordou”

Enunciado típico para referir que o país, ou seja, a população está desperta e consciente. Remete a trecho do hino nacional, associando o gigante a toda a nação. Porém, em muitos instantes desse momento histórico, o dizer ficou associado à geração mais jovem, à que está antenada com a tecnologia e participando mais maciçamente dos protestos. Também foi utilizada antes e depois dos manifestos em uma propaganda de uísque disseminada na TV e nas mídias sociais (D)

“Brasil, é hora de luta!”

“Brasil, é hora de luta!”

“Brasil alterou seu status de “Deitado eternamente em berço esplêndido” para “Verás que um filho teu não foge à luta””

“Brasil, é hora de luta!”

“Brasil alterou seu status de “Deitado eternamente em berço esplêndido” para “Verás que um filho teu não foge à luta””

“Pra que o mundo veja o dia em que o Brasil ganhou voz!”

“Ordem em progresso”

“Não é apenas por 20 centavos”

“Nosso suor sagrado vai mais além do que 20 centavos”

“Acorda Brasil”

“Somos o futuro da nação”

“Que país é esse?”

“Change Brasil”

“O Brasil vai parar”

“Tem tanta coisa errada que não cabe em um cartaz”

“Não me diga que está tudo bem”

“Brasil, obrigado por me devolver a esperança!”

“Eu era infeliz e não sabia”

“Jogamos mentos na geração coca cola”

“Deseja formatar o Brasil? [SIM]”

“Eu não fujo da luta, mas não sou tua filha! Me transviei dessa tua imagem de ‘família’. Essa luta é pelo povo e não pela pátria”

“Nós somos o futuro do Brasil”

“Um Brasil para todos”

“A consciência do povo daqui é o medo dos homens de lá”

“Você pensa que acabou?”

“Minha carta de Hogwarts não chegou, mas deixei de ser trouxa”

“Revolução na sua mente, você pode, você faz”

“Quando a injustiça se torna rotina, a revolução se torna um dever”

Essas frases estão relacionadas com (D)espertar para o momento. Ou seja, tendem mais a ter uma função semelhante de “O gigante acordou”. Remetem, portanto, à necessidade de a população ter maior conscientização. Algumas dessas frases podem ter também o sentido de (M)ostram como as pessoas estão na participação como “Minha carta de Hogwarts não chegou, mas deixei de ser trouxa”, mas o fundamental aqui é dizer que houve uma tomada de consciência. O auditório universal – o povo, a nação que estaria finalmente se mostrando contra os impérios – é alternado com um público jovem, uma geração associada a conhecimentos tecnológicos e valores artísticos e culturais. Assim, “Minha carta de Hogwarts não chegou, mas deixei de ser trouxa” faz referência a livros e filmes do personagem Harry Potter – no caso, “trouxas” são aqueles que não são bruxos e a carta é um convite para uma escola de bruxaria. De modo semelhante, há referências a comerciais e propagandas do governo (“Um Brasil para todos”, “Nós somos o futuro do Brasil” “O Brasil vai parar”), a frases de canções dos tempos atuais e de tempos em que se quer mudança (“A consciência do povo daqui é o medo dos homens de lá”, “Eu era infeliz e não sabia”, “Que país é esse?”, “Somos o futuro da nação”, “Nosso suor sagrado vai mais além do que 20 centavos”) e a práticas ou usos (“Jogamos mentos na geração coca cola” – o efervescer daqueles associados a uma marca de refrigerante – e “Deseja formatar o Brasil? [SIM]” – a metaforização de fazer com o país o que se faz com o computador para apagar todos os dados e reinstalar todos os programas). Grande parte dos verbos utilizados (poder, dizer, fazer, ser, ir, desejar, parar, acordar etc.) demonstraram uma grande amplitude de ações e ao mesmo tempo uma indeterminação do objeto dessas ações. Há sempre o sentido de acordar para fazer algo, desejar algo melhor, parar para ver o que está acontecendo, mas não uma especificação do objeto.

“Assista pela TV enquanto eu faço por você!”

“Natal, vem pra rua!”

“Independente da passagem, não para, não para, não para, Brasil!”

“Primavera brasileira”

“Desculpem o transtorno, estamos mudando o país!”

“Seu Filho ainda vai estudar o dia de hoje”

“Enquanto você assiste TV, eu mudo o país por você”

“O povo passivo jamais sera unido” “Não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor”

“Odeio bala de borracha, joga um halls”

“Spray de pimenta em baiano é tempero”

“Nossos sonhos são a prova de balas”

“Seu gás de recalque bate no meu vinagre e volta”

“Seu guarda, seja meu amigo”

“Você que acordou agora, a periferia nunca dormiu”

“Você que acordou agora, não hostilize quem nunca dormiu”

“Mais amor, por favor!”

“Trouxemos vinagre e mães!”

“Não contavam com nossa astúcia”

“Não é vandalismo, é revolta”

“Dizem violentas as águas de um rio que tudo arrastam, mas não dizem violentas as margens que o reprime”

“Obrigado aos caras pintadas de ontem”

“Eu acredito em vinagre”

“82 anos, não vim pra brincar, vim pra manifestar”

“Larga o Candy Crush/Sai do CandyCrush/Play Station e #vemprarua”

“Saia do Xvideos e #vemprarua”

“Somos a rede social”

“Temos o poder”

“Quem disse que não existe amor em São Paulo”

“Desculpa-me mãe, ‘pela preocupação’”

“Obrigada por irem às ruas lutar por mim!! Já que minha mãe não deixa eu ir ]=”

Para essas frases, há uma tendência maior para se (C)hamar para as ruas ou dizer e (M)ostrat como se está participando. Isso é feito de vários modos, desde uma autorreferência (“Assista pela TV enquanto eu faço por você!”), “Desculpem o transtorno, estamos mudando o país!”, “Enquanto você assiste TV, eu mudo o país por você”) até uma descrição de possíveis situações de conflito com a polícia (“Não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor”, “Odeio bala de borracha, joga um halls”, “Spray de pimenta em baiano é tempero”, “Nossos sonhos são a prova de balas”, “Seu gás de recalque bate no meu vinagre e volta”, “Seu guarda, seja meu amigo”). Note-se que essas últimas construções podem ter tom irônico ou metafórico, considerando símbolos da geração (halls), os métodos de repressão e defesa (vinagre e gás de pimenta) e letras de canções (“Seu guarda, seja meu amigo”). Também pode se deprender um discurso que tenta se desvincular do grupo preponderante (jovens de classe média que seriam imaturos ou não respeitariam outros grupos) em frases como “Você que acordou agora, a periferia nunca dormiu” e “Você que acordou agora, não hostilize quem nunca dormiu” – em comparação com pessoas mais velhas que sempre participaram de movimentos sociais. Há remissão a movimentos recentes como o #existeamoremsaopaulo em “Mais amor, por favor!” e referência a locais específicos onde ocorrem as manifestações (“Natal, vem pra rua!”). Nota-se que, em alguns momentos, há uma explicitação sobre (C)hamar para as ruas como em “Natal, vem pra rua!”, mas que, em grande parte, há uma junção entre (C)hamar em tom de provocação ou ironia (“Enquanto você assiste TV, eu mudo o país por você”) e se (M)ostrat nos movimentos. Inicialmente, achei que esses significados estariam bem claros e divididos, como na relação entre “Vem pra rua” e “Saí do Facebook”. Contudo, os dados indicam que o modo como as pessoas associam usos tecnológicos, marcando também a geração, é o que explicitam o “mostrar-se”, como comentarei adiante.

Pode-se constatar que as frases são todas apresentadas com certa autonomia, muitas imperativas e reconhecíveis fora do contexto das manifestações, mas algumas tão intrinsecamente ligadas ao evento, que só trazem novos sentidos se forem relacionadas tanto com o momento histórico quanto com práticas de uso tecnológico ou com uma população mais jovem.

Constataram-se relações dos enunciados com o momento histórico, o evento relacionado e o modo de mostrar a colaboração no evento. As remissões verbais mais genéricas ocorrem para a categoria (D) e para a categoria (C) e bem menos para a categoria (M), embora (C) e (M) muitas vezes se confundam (dizer como está participando pode ser uma maneira de chamar outros para também colaborar). Além disso, há uma indeterminação de sujeitos e, mesmo quando o sujeito é definido em primeira pessoa (“Eu acredito em vinagre”, “82 anos, não vim pra brincar, vim pra manifestar”), pode-se inferir sobre a possibilidade de se estar acreditando em um milagre e estar em meio das confusões, apesar da idade – o que, indiretamente, é um modo de dizer “olhem o momento e as condições, vocês também podem/devem participar disso”. De todo modo, há contiguidade entre os movimentos: levantar-se (conscientizar-se), ir para a rua e “mostrar-se” são ações que podem ser entendidas em uma ordem contínua. Porém, as frases não saem de um interior desta contiguidade.

As práticas de uso tecnológico merecem um esclarecimento à parte. Algumas expressões (“em progresso”, “status”, “atualizando”, “reiniciar” etc.) ou termos (como “twitter”, “facebook”, “sistema” e “rede social”) fazem coincidir do computador e da internet com a situação do país e as manifestações. Pode-se mesmo dizer que esses termos, destacados do campo da informática, funcionam como metáforas para também destacar o momento histórico e o evento da manifestação. Há um discurso que marca fortemente o instante vivido ao apelar para associações com um discurso das práticas de uso tecnológico mais recentes.

Mensagens como “Somos a rede social” evocam redes como o Facebook, mas também indicam determinação de que há um grupo que é definido como “A” rede. Ou seja, nas manifestações isso pode ser traduzido como “somos realmente os que estão conectados com o movimento”. A simples sequência “Ordem em progresso” faz menção ao lema da bandeira do Brasil, mas também é uma reformulação que evoca o texto de operações com programas de computador (instalação/carregamento/baixando/apagamento etc. “em progresso”). “Larga o Candy Crush” faz referência a um aplicativo viciante, o que induz a entender a frase como um pedido para interromper o uso do programa e participar das manifestações mesmo com a dependência. Há várias outras frases, fazendo menção a outros programas.

Tal apelo pode ser ainda mais evidente quanto à utilização de formas visuais que remetem à interface de vários programas (figura 3), com mensagens que circularam tanto nas ruas quanto em postagens de redes sociais. O papel do Facebook merecerá uma seção à parte, logo depois.



Figura 3: Discurso das ruas e da interface

## 5. O PAPEL DO FACEBOOK: A INTERAÇÃO PARA SI E OS EFEITOS NA COAUTORIA DO PROCESSO DISCURSIVO E NO SUJEITO PORTA-VOZ DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Maingueneau (2011) alerta para o fato que as novas tecnologias de comunicação incitam a produção massiva de frases que muito frequentemente substituem os textos. Seriam aforizações que teriam uma tendência a circular muito rapidamente como as que discuti na seção anterior. O autor ainda comenta que o tipo de textualidade que domina hoje é preferencialmente “modular”: sobre as páginas impressas ou as páginas da tela do computador combinam-se módulos quadrados ou retangulares que formam uma espécie de quadro. Antigamente, as aforizações circulantes não eram apresentadas com tantas divisões e títulos, mas em uma compacidade extrema, muitas vezes sem parágrafos e com textos corridos, difíceis de serem tematizados. Acredito que esta diferenciação ocorra. Porém, em relação às páginas da tela do computador, especialmente em um tempo intenso de vivências em redes sociais, vejo que diferenciações adicionais são necessárias para se compreender melhor o momento no qual tantas frases curtas circulam e acompanham movimentações organizadas através da internet. Por isso, além da característica da modularidade, na interface computacional, noto que há uma espécie de *interação para si*, proporcionada pela dinâmica de mudança contínua dos elementos gráficos e textuais, bem como por funcionalidades de *suporte à interação humana*, conforme discuti em Melo (2011). Isso faz uma diferença muito grande em relação às páginas impressas e no modo como frases circulam; consequentemente, na maneira como os discursos são mobilizados, sejam inclusive os discursos das manifestações, mesmo que voltados para as próprias manifestações.

Funcionalidades de suporte à interação humana são aquelas especialmente criadas para a comunicação com o outro (Curtir, Compartilhar, Postar, Comentar, Cutucar, Enviar arquivo ou mensagem etc.), diferenciado-se muito das funcionalidades meramente operacionalizadas para utilização do sistema (configurar, editar, formatar etc.). A interação para si é a propriedade que o sujeito tem de agir com o outro, mas essencialmente voltando-se para si através da interface. As noções de Eisenlauer (2013) sobre *ação textual* e *automação textual* me ajudaram a aprofundar a ideia de interação para si. Ação textual envolve não apenas como as pessoas compartilham textos, mas como desenvolvem uma série de ações. A automação textual trata de ações que estão apenas parcialmente sob o controle dos usuários, mas que eles pensam que controlam. Assim, são tratados exemplos de uma jovem que convida amigos para sua festa de aniversário através de uma mensagem, mas não nota que o convite foi feito para centenas de pessoas; de uma funcionária que fala mal de seu chefe com amigas, mas não lembra que elas também são amigas do seu chefe e podem compartilhar os insultos, e de vários adolescentes que se suicidaram depois de bullyngs virtuais em função de suas próprias ações expostas exageradamente. Eisenlauer (2013) afirma que o ambiente molda as ações textuais do usuário e os direciona a dar forma e coerência aos discursos de amizade de formas particulares. Em outras palavras, há uma configuração ideológica e inconsciente do dizer que faz com que a autoria seja o resultado da ação textual em conjunto a automação textual.

Parto do que proporciona a ação textual com a automação textual mais as noções de interação para si e suporte à interação humana para avaliar um pouco mais a fundo como as mensagens das manifestações circularam e as consequências do fato.

Primeiramente, qualquer uma das frases, postada com ou sem imagens, está sujeita a ser curtida, compartilhada e comentada, conforme a configuração das contas de quem posta. Não há, em qualquer momento, simplesmente o acionamento de uma funcionalidade de um programa, como gravar, formatar, editar ou fazer *upload*. Tudo é sujeito ao suporte à interação humana. Não há apenas a interação humano-computador, mas a interação humano-computador-humano. Além disso, as consequências não são medidas em qualquer ação porque ninguém mede as possibilidades da automação textual durante sua ação textual. Cada uma dessas ações é direcionada de volta para o comportamento do usuário, o que chamo de interação para si, de acordo com os exemplos que podem ser vistos nos dados coletados nesta pesquisa e encontrados no Facebook.

A própria postagem tem possibilidades de ser muito mais acompanhada pela própria pessoa que postou, que recebe notificações sobre curtidas, compartilhamentos e comentários. Além disso, os comentários fazem com que as postagens fiquem novamente destacadas na *timeline* de quem postou. Cada pessoa tem um perfil com conta que inclui a lista de amigos e as mensagens que podem ser distribuídas para amigos, para amigos de amigos etc., conforme a configuração. É a própria pessoa que habilita para quem suas postagens serão compartilhadas. Contudo, obtive todos os exemplos sem ser “amigo” da pessoa e muitas vezes sem nem estar autenticado em minha conta do Facebook (o que significa que as postagens foram configuradas para qualquer pessoa que esteja na internet). Portanto, podemos ver que não são meras aforizações dispostas em módulos fixos sujeitas a circulações de modos diversos que surgem, mas quadros dinâmicos que se destacam diferentemente para cada pessoa e mesmo assim são tornados públicos. Além disso, observando-se quem curtiu uma postagem ou a lista de amigos de um amigo, pode-se acionar o suporte à interação humana “convidar para amizade”. Isso, sem dúvida, traz sugestões de novas “amizades” de um modo bem diferente do mundo físico e inexistente no impresso, com multiplicação bem maior dos discursos produzidos.

Outras questões de interface estão relacionadas a quais locais e de quais locais as mensagens eram direcionadas no Facebook. Uma frase como #vemprarua, altamente disseminada em perfis, páginas, grupos e eventos do Facebook, tem uma maior incidência em perfis e páginas (de partidos, organizações, movimentos sociais específicos etc.). Este resultado foi semelhante ao de Silva (2014) que, embora trate de discursos, faz mais uma comparação quantitativa das páginas dos partidos PT, PSDB e PSOL, com as mensagens produzidas no período das manifestações, e o grau de participação dos usuários. As explicações de Silva (2014), para os resultados, estão no fato de que páginas administradas teriam menos adeptos do que a de figuras políticas conhecidas do grande público, ou seja, apesar da crítica à representação partidária, ainda há uma assimilação maior dos líderes. Muriana (2013) também obteve dados parecidos, comparando

*fanpages* e páginas de eventos para organização das manifestações em várias cidades brasileiras, observando interações entre usuários muito mais incidentes em *fanpages*, o que pode merecer maior atenção conforme a funcionalidade com que vão ser utilizadas. Como na minha pesquisa, procuro observar efeitos, remissões e circulações do discurso e ainda assumo que as pessoas se vinculam a determinados discursos de acordo com as relações ideológicas que assimilam e conforme a produção da interação para si, tendo a inferir que há uma facilitação de uso das *fanpages* e *timelines* pelas possibilidades de movimentação de discursos, distribuídos em quadros dinâmicos intercalados e diversos, muito mais do que em grupos do Facebook ou em páginas específicas de eventos. Alguém pode até querer produzir suas frases e acreditar que as divulgará em grupos e páginas de eventos, mas a *timeline* e as páginas estão mais abertas, além de possibilitarem maior controle e melhor visualização da interação para si. As condições de produção discursivas para a circulação de mensagens e frases, portanto, não podem levar em conta apenas o Facebook como um todo, mas seus locais específicos com peculiaridades da interface, o que também traz consequências para os processos de autoria e para a indeterminação de um porta-voz.

A autoria pode ser caracterizada como estilo ou modo de como fazer algo. De uma maneira bem geral, podemos considerar que autoria tem a ver com os conceitos de locutor (o responsável pelo que diz) e com o de singularidade (na medida em que chama atenção para uma forma um tanto peculiar de o autor estar presente no texto), conforme Possenti (2009). Nesse sentido, a ação textual e a automação textual mais a interação para si constituem mais efeitos de autoria do que propriamente um discurso. Podemos afirmar que a interface do Facebook estaria, então, dentro de um processo de coautoria de produção dos discursos em conjunto com a ação textual dos usuários. Isso, obviamente, tem efeitos, mas não no sentido de dizer que o Facebook tem um discurso, e sim no sentido de que constitui, em conjunto com os sujeitos, uma forma de autoria com um estatuto próprio (no qual praticamente tudo que é produzido tem que ser disseminado e exposto, dependendo do local da rede utilizado). Este tópico mereceu outra pesquisa, mostrando três formas de autoria no Facebook.

Quanto ao porta-voz dos discursos de manifestações, revoltas e revoluções, vale a pena considerar o que diz Pêcheux (1990): “É neste momento que surge o *porta-voz*, ao mesmo tempo autor visível e testemunha ocular do acontecimento... o *porta-voz* se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior”. Diante do que consideramos em relação aos manifestos de junho de 2013, da amplitude e diversidade de frases que falam das próprias manifestações, como localizar o *porta-voz*, que negocia algo com o adversário e está sob o olhar dos seus? Parece que esta figura é diluída não apenas nas manifestações, mas tem indícios de não ser relevante quando analisamos as frases em funcionamento no Facebook, cujas interações para si são o mais evidente. É como se cada um trouxesse dentro de si a sua própria revolução em meio a cartazes

e sentenças que unem todos somente para dizer que as manifestações estão ali e precisam acontecer. Nessas condições, um porta-voz para todos é inútil e, um porta-voz para cada um, inviável.

## 6. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho procura responder questões colocadas na introdução, quais sejam:

- 1) Como definir uma metodologia adequada para obtenção de dados tão distribuídos?

É preciso que o analista estude as ferramentas e metodologias, adequando-as para seu trabalho e para o momento. Algumas das ferramentas aqui utilizadas podem não estar disponíveis mais no momento ou algumas de suas funcionalidades podem ser modificadas. Assim, para uma reflexão teórica adequada e alinhada com os objetivos de pesquisa, é necessário, no mínimo, um esforço igual para o estudo do ferramental atualizado.

- 2) Em que a análise pode contribuir para maior compreensão do funcionamento da linguagem expressa em cartazes e postagens sobre as manifestações?

Os eventos assinalados têm uma dependência grande da circulação de discursos em redes sociais e de suas especificidades, mas não prescindem do poder de remissão dos enunciados a outros discursos nem muito menos da força da aforização. Porém, as condições de produção tecnológicas do discurso dão um enquadre muito maior de interação e amplitude, atravessando espaços de quem está ou não alinhado a uma linha discursiva. De acordo com Maingueneau (2010), aforizações prescindem de negociação. Quando são colocadas no contexto de uso da internet e em um momento histórico em que quase todos aceitam o espaço mediado pelo computador, de forma individual ou institucionalizada, frases que prescindem negociações simplesmente mostram com uma força ainda maior tanto o seu poder de circulação quanto como são inúteis as atividades que procuram acordos ou que tentam constituir um porta-voz do discurso para tanto.

- 3) Pode-se entender melhor o momento histórico de manifestações, dentro do tipo de democracia que temos, por meio da interpretação do funcionamento dos discursos?

O momento histórico de participação da população mostra que ainda há muito a se desenrolar. Se antes os gregos tinham uma democracia participativa na qual cada cidadão tinha sua voz e voto nas discussões governamentais, com o passar do tempo, crescimento populacional e surgimento das diferentes tecnologias de comunicação, esperou-se que a democracia representativa fosse uma melhor solução. Mas no mundo da internet, no qual cada um pode ter sua voz, esperou-

se que, mesmo com uma população muito grande, houvesse possibilidades do retorno a uma democracia participativa com certa eficiência. O problema é que não é só o gerenciamento de muitas pessoas e textos que complica o fato de irmos nessa direção. Os discursos são mais maleáveis, não têm fronteiras pela sua própria natureza e, então, o que já é uma heterogeneidade incomensurável, pode até ficar mais simples de se compreender na interface das redes, mas mais complexo de trazer realizações, seja nessa ou nas próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

- EISENLAUER, Volker. 2013. *A crytical hypertext analysis of social media – the true colors of Facebook*. London, New York: Bloomsbury.
- FELLITI, Guilherme. 2013. Manifestações: como a tecnologia ajudou os brasileiros a se organizarem na rua. *Época negócios*. Disponível em: <http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/tecneira/2013/06/20/manifestacoes-como-a-tecnologia-ajudou-os-brasileiros-a-se-organizar-na-rua/>. Acesso em 16 de mai. 2014.
- FRANCO, Augusto de. 2013. *Para entender as manifestações de junho de 2013 no Brasil*. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/augustodefranco/para-entender-as-manifestaes-de-junho-de-2013-no-brasil>. Acesso em: 16 de mai. 2014.
- GOOGLE. 2014. *Central de ajuda do pesquisa na web*. Disponível em: <https://support.google.com/websearch/?hl=pt-BR#>. Acesso em: 16 de mai. 2014.
- MAINGUENEAU, D. 2008. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola.
- MAINGUENEAU. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU. 2011. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. In: MOMESSO, M. R. et al. *Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas*. 6. Franca, SP: Unifran.
- MELO, Lafayette B. 2011. Interação humano-computador e seus (des)encontros com o texto e o discurso: buscando o contexto. In: *IX Congresso latino-mericano de estudos do discurso*, 2011, Belo Horizonte. Anais do IX Congresso Latino-americano de estudos do discurso ALED 2011.
- MELO. 2010. Redes Sociais: onde encontrar material de estudo e colegas com os quais eu possa aprender?. In: *3º. Simpósio Hipertexto e Tecnologias na educação*, 2010, Recife. Mesa-redonda Impactos das redes sociais na educação.
- MESQUITA, Renata Valério de. 2013. Rebeldia digital. *Planeta*. Disponível em <http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/comportamento/rebeldia-digital>. Acesso em: 16 de mai. 2014.
- MURIANA, Luã M. et al. Do Facebook às ruas: comunidades em interação. In: *Proceedings of the V Workshop sobre aspectos da Interação Humano-Computador na Web Social (WAIHCWS'13)*. Manaus, Brasil. Disponível em: <http://ceur-ws.org/Vol-1051/>. Acesso em: 14 de mai. 2014.
- PÊCHEUX, M. 2012. *Análise de discurso*. Campinas: Pontes.

- MELO. 1990. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 7-24, jul./dez.
- MELO. 2008. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- MELO. 2009. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- POSSENTI, Sírio. 2009. Indícios de autoria. In: *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- SILVA, Roberto Bitencourt da. 2014. Mídias sociais e política: os partidos no Facebook. In. *ALCEU*. v. 14. N. 28. p. 202-223, jan./jun. Disponível em: [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=9&sid=40](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=9&sid=40). Acesso em: 14 de mai. 2014.
- UOL. 2013. “Manifestação” foi o termo mais comentado no Facebook Brasil em 2013. *UOL notícias tecnologia*. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/12/09/manifestacao-foi-termo-mais-comentado-no-facebook-brasil-em-2013.htm>. Acesso em 16/05/2014>. Acesso em: 28 de ago. 2014.